

ANÁLISE DA EMPATIA SEGUNDO A FENOMENOLOGIA DE EDITH STEIN. CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA PARA AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS

Leandro César Bernardes Pereira*,

Luana Rodrigues Bernardes, *

Luciana Gaudio Martins Frontzek*

RESUMO

Edith Stein oferece uma contribuição para a análise do fenômeno da empatia que amplia o conceito filosófico de fusão e união com a vivência alheia. Segundo ela, a empatia permite uma apreensão da vivência alheia, mas não em sentido estrito. O indivíduo por isso é visto como sujeito de compreensão e não como objeto. A análise fenomenológica da autora abre-se para a formação das relações interpessoais com aplicação para diversas áreas do saber, sobretudo para âmbitos terapêuticos e educacionais.

PALAVRAS-CHAVES: Fenomenologia, empatia, Edith Stein, psicologia.

INTRODUÇÃO

O termo empatia (do grego empateia) significa experimentar ativamente o modo como outra pessoa vive uma experiência. Na filosofia o termo foi interpretado como “união ou fusão emotiva com outros seres ou objetos (considerados animados)¹”. Diversos autores procuraram estudar o fenômeno.

Em 1873 Visher falou do conceito de Einfühlung, o qual significa “sentir-se dentro do outro”². Lipps em 1903 adotou a definição de Visher e falou de uma participação profunda na experiência de outro ser a ponto de formar-se um único Eu³. Em 1934 Mead explicou a empatia como a “capacidade de compreender” introduzindo assim um componente cognitivo a um estado atribuído aos aspectos emotivos⁴. Atualmente em psicologia se entende empatia como a capacidade de compreender o estado de animo e a situação emotiva de outra pessoa de modo imediato sem recorrer à comunicação verbal⁵.

A empatia pode ser definida como uma interação entre duas pessoas, onde uma condive os sentimentos da outra. A empatia pode, também, ser

* Bacharel em Teologia pelo Studium Theologicum Jerosomilitanum, Jerusalém – Israel. Mestre em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte – Brasil. Licenciado em Filosofia pela Faculdade entre Rios. Graduando em Psicologia pela Universidade Salgado de Oliveira, inciação científica da Fundação Oswaldo cruz e gradunada em psicologia pela UNIVERSO-BH, Doutora em saúde coletiva pela Fundação Oswaldo Cruz, CPQRR, BH.

¹ ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*, 325.

² Cf. GIUSTI, Edoardo – LOCATELLI, Maura. *L'empatia integrata. Analisi umanistica del comportamento motivazionale nella clinica e nella formazione*, 11.

³ Cf. Ibidem, 11.

⁴ Cf. Ibidem, 11.

⁵ Cf. Ibidem, 11.

empregada no sentido terapêutico como sendo a primeira postura no trato com o paciente.

É importante distinguir a empatia terapêutica da empatia simples; a empatia terapêutica é um processo interativo e dinâmico que leva a conhecer e compreender outra pessoa com o objetivo de facilitar seu crescimento, o seu desenvolvimento e a solução de seus problemas. Esta definição enfatiza a natureza processual da empatia terapêutica e a distingue do tipo de empatia estudada pelos psicólogos do desenvolvimento; o aspecto de maior diferenciação refere-se à presença de uma intenção de ajudar a outra pessoa, enquanto a empatia por si mesma pode ser utilizada para objetivos negativos⁶.

A empatia permeia o cotidiano de cada pessoa influenciando-a constantemente em seu modo de viver. Contudo, uma vez conhecida pode ser desenvolvida. Segundo Enrico Chieli quando alguém vivencia a empatia de forma madura a ela não se perde no outro, embora o sentindo dentro de si, compartilhando do seu sentimento, não se funde e não se identifica com o outro, mas mantém uma identificação com si mesma de forma aberta. A identificação com o outro ocorre com quem não possui um sentido de identidade sólido ou com quem não está em contato consigo mesmo; uma pessoa madura consegue distinguir em si mesma aquilo que é dela e aquilo que é do outro. Tendo conhecimento dos sentimentos alheios em si, a pessoa pode sentir, mas também se separar em qualquer momento do outro e voltar para si⁷.

O objetivo desta pesquisa é analisar a essência da empatia e como o domínio desta faculdade pode contribuir para a formação humana e social. A fenomenologia é uma área da filosofia que busca conhecer a essência dos fenômenos, por isso, é por meio dessa reflexão a partir dos escritos de Edith Stein que a empatia será analisada.

A abordagem será feita em duas partes. Na primeira será apresentada a essência dos atos da empatia segundo Edith Stein e na segunda uma reflexão sintética sobre as contribuições que seu pensamento oferece.

1. A essência dos atos da empatia

O problema fundamental da questão da empatia, segundo Stein, é compreendê-la como experiência de sujeitos individuais em seu modo de vivenciar⁸. O método empregado por Stein foi o da redução fenomenológica⁹. A fenomenologia busca a fundamentação última de um determinado objeto. A análise parte da busca por eliminar todas as considerações que possam suscitar dúvidas. A vivência das coisas é a única coisa que não se deve excluir,

⁶ GIUSTI, Edoardo; LOCATELLI, Maura. *L'empatia integrata. Analisi umanistica del comportamento motivazionale nella clinica e nella formazione*, 187.

⁷ CHELI, Enrico. *Teorie e tecniche della comunicazione interpersonale. Una introduzione interdisciplinare*, 141.

⁸ Cf. STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatia*. In: Obras Completas. Escritos filosóficos. Etapa fenomenológica: 1915-1920, 73.

⁹Cf. Idem, 79.

pois não está submetida a dúvidas¹⁰. Os fenômenos reais ou imaginários se manifestam na mente. O objeto da fenomenologia é compreendê-los em sua essência. Stein se propôs a estudar a essência da percepção segundo o método proposto por Husserl¹¹.

1.1 Descrição da empatia em comparação com outros atos

As recordações, a memória dos acontecimentos não é indubitável, pois podemos nos enganar criando imaginações sobre determinados acontecimentos. No entanto, o fenômeno da vida psíquica alheia está aí e é indubitável¹². O eu psíquico de um indivíduo ultrapassa as manifestações de seu semblante e de seus gestos, pois alguém pode estar com o rosto triste sem estar aflito. A motivação e o juízo sobre a observação sobre algo não são expressas por uma aparência sensível¹³. O vivenciar alheio se remete a um tipo fundamental de atos por meio dos quais se apreende, se compreende este vivenciar. Esses atos são chamados de empatia.

Stein diferencia a empatia de outros atos. A primeira consideração que fez partiu da diferenciação entre percepção externa e empatia. A percepção externa pode ser compreendida ao se deparar com a dor de alguém. O semblante e os gestos da pessoa podem exprimir seu sofrimento. A percepção do sofrimento alheio é apenas percepção externa e não empatia¹⁴. A segunda consideração está na diferenciação entre o originário e não originário. A ideação sobre algo acontece de forma intuitiva e original, o mesmo acontece com a reflexão¹⁵. A ideação não é empatia. Originária são todas as experiências em si, a vivência em si. Stein afirma que para cada vivência (a espera, a fantasia, a recordação etc.) existe a possibilidade de um dar-se originário¹⁶. Todavia na experiência da espera, da fantasia e da recordação pode-se dar um modo não originário. A terceira diferenciação consiste na relação entre recordação, espera, fantasia e empatia. Stein reconhece uma ampla analogia entre esses atos e a empatia. Por exemplo, o modo como alguém recorda é originário, mas seu conteúdo não (alegria, tristeza, raiva, ódio etc.)¹⁷. O mesmo acontece com a espera. O eu quem cria a fantasia é originário, enquanto o eu que vive nele é não originário¹⁸. A empatia em si passa pelo mesmo processo; o ato da empatia é originário como vivência presente, mas não é originário quanto ao seu conteúdo¹⁹.

A empatia se manifesta em três graus: o primeiro no aparecimento da vivência; o segundo, em sua explicitação plena; o terceiro, a objetivação compreensiva da vivência explicitada²⁰.

O primeiro e o terceiro grau, a presentificação representa o paralelo não originário da percepção, enquanto que no segundo grau corresponde a atuação da vivência. Mas o sujeito da vivência

¹⁰ Cf. Idem, 80.

¹¹ Cf. Ibidem, 80.

¹² Cf. Idem, 81.

¹³ Cf. Idem, 82.

¹⁴ Cf. Idem, 83.

¹⁵ Cf. Idem, 83.

¹⁶ Cf. STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatia* 84.

¹⁷ Cf. Idem, 86.

¹⁸ Cf. Ibidem, 86.

¹⁹ Cf. Ibidem, 86.

²⁰ Cf. Idem, 87.

ênfatisada, e esta é a novidade fundamental frente à recordação, a espera, a fantasia das próprias vivências, não é o mesmo que realiza a empatia, e sim outro. Ambos estão separados, não ligados como por uma mesma consciência. E enquanto de um lado vivo aquela alegria do outro não sinto nenhuma alegria originária, ela não brota viva do meu eu, tampouco tem o caráter do ter estado viva antes como alegria recordada. Porém, muito menos ainda é mera fantasia e sim vida real, mesmo que aquele outro sujeito tenha originariedade, ainda que eu não vivencie esta originariedade; a alegria que brota dele é alegria originária, ainda que eu não a vivencie como originária. Em meu vivenciar não originário me sinto, de certo modo, conduzido por um originário que não é vivenciado por mim e que contudo está ali, se manifesta em meu vivenciar originário. Assim, temos, na empatia, um tipo *sui generis* de atos experienciais²¹.

Stein apresentou a empatia em si como uma realidade particular, independente no fenômeno psíquico humano. Ela retirou a conotação de fusão com o outro. O “eu” assimila e revive a vivência do outro, mas continua único, original. Este modo de analisar o fenômeno da empatia difere de Lipps, um dos principais difusores da análise dessa propriedade na humanidade.

1.2 A dimensão original e a repetibilidade da empatia

A difusão do termo empatia se deve de forma especial a Lipps. Ele utilizou o termo primeiramente para esclarecer a natureza da experiência estética²². Segundo Lipps:

A experiência da empatia assim como o conhecimento dos outros eus, ocorreria mediante um ato de imitação e de projeção. A reprodução das manifestações corpóreas alheias (devida ao instinto de imitação) reproduziria em nós mesmos as emoções que costumam acompanhá-las, colocando-nos assim no estado emotivo da pessoa a quem essas manifestações pertencem. É justamente essa projeção em outro ser de um estado emotivo despertado em nós pela reprodução imitativa da expressão corpórea dos outros (por exemplo, quadro somático do medo ou do ódio, etc.) que seria o modo de comunicação entre as pessoas. Analogamente, a experiência estética consistiria em projetar no objeto estético emoções propriamente humanas, ou seja, em dar “às coisas insensatas sentido e paixão”, como dizia Viçô²³.

Stein não discordou da reflexão proposta por Lipps, mas quis esclarecê-la. Ela apresentou a empatia como o ato de apreender o sentimento de alguém²⁴. Todavia, não se trata de sentir ou vivenciar a experiência alheia em sentido estrito²⁵. Quando alguém se alegra com a alegria de outra pessoa a experiência do sentimento é única em ambas. Segundo ela, existe também, a repetibilidade da empatia como uma propriedade capaz não somente de reflexão, mas de realizar uma reflexão sobre a reflexão e assim sucessivamente até o infinito²⁶. O mesmo pode ocorrer com um querer do

²¹ STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatia*, 88.

²² Cf. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*, 325

²³ ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*, 325.

²⁴ Cf. STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatia*, 92

²⁵ Cf. Idem, 93-95.

²⁶ Cf. Idem, 95-96.

querer, esperar uma espera, fantasiar algo fantástico, empatizar empatias tanto de um terceiro como de si²⁷.

1.3 Confronto com as teorias genéticas sobre a apreensão da consciência alheia

Stein em sua juventude desejou doutorar-se em psicologia, mas preferiu a fenomenologia. Um dos seus objetivos era oferecer uma fundamentação metodológica a psicologia. Ela relaciona a empatia com as teorias de apreensão da consciência alheia. Stein se pergunta não sobre o problema da consciência alheia, mas sobre o como se realiza em um indivíduo psicofísico a experiência de outros indivíduos semelhantes. Para realizar esta investigação ela relaciona a fenomenologia com a psicologia; em seguida ela aborda a teoria da imitação, a teoria da associação e a teoria da inferência por analogia.

a. A relação entre fenomenologia e psicologia

A psicologia está ligada aos resultados da fenomenologia. A fenomenologia deve investigar o que é a empatia em sua essência. O resultado da investigação deve ser preservado em qualquer área do conhecimento²⁸. A fenomenologia oferece uma compreensão articulada para os conceitos trabalhados na psicologia. Bastos comenta a relação entre fenomenologia e psicologia.

Quando se fala na relação entre psicologia e filosofia a fenomenologia e o existencialismo aparecem como referências obrigatórias, nos nomes de Brentano, Husserl, Jaspers, Heidegger, Sartre e Merleau-Ponty. Essas abordagens foram responsáveis por uma reaproximação temática entre psicologia e filosofia nos meados do século XX, com repercussão no campo da psicopatologia, da psicoterapia e da pesquisa qualitativa (...). O mais surpreendente é que esses diálogos, fundamentados em pesquisa empírica e análise filosófica, estão trazendo contribuições importantes para uma compreensão mais articulada e integrada da teoria psicológica²⁹.

b. A teoria da imitação

A teoria da imitação foi construída por Lipps. Stein a descreve:

Um gesto visto desperta em mim o impulso de imitá-lo; eu o faço, se não exteriormente, pelo menos interiormente; então tenho o impulso de exteriorizar todas as minhas vivências, e vivência e expressão estão tão estreitamente ligadas entre si que a aparição de uma arrasta também a outra atrás. Assim que com aquele gesto é participada a vivência a ele correspondente, porém enquanto é vivenciada "no" o gesto alheio me aparece não como minha, e sim como a do outro³⁰.

²⁷ Cf. Idem, 96.

²⁸ Cf. STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatia*, 100.

²⁹ BASTOS, Antonio Virgílio; ROCHA, Nádia Maria Dourado (Organizadores). *Psicologia. Novas direções no diálogo com outros campos do saber*, 90

³⁰ STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatia*, 101.

Segundo Stein, a experiência que alguém faz da vivência de outro, não é a mesma experiência, pois permanecem únicas as reações internas que um indivíduo experimenta³¹.

c. A teoria da associação

A teoria afirma que a imagem óptica do gesto alheio reproduz a imagem óptica do gesto próprio, esta o sinestésico que gera um sentimento antes guardado. Este sentimento não é vivenciado como próprio e sim como alheio³². Stein afirma que a teoria da associação não explica a origem da empatia, pois a empatia como ato experiencial põe no ser e alcança seu objeto diretamente, sem representantes³³. Segundo ela, a associação pode somente o saber que aparece quando se reflexiona; porém não oferece a compreensão de uma determinada postura como expressão de um estado de ânimo interno, como acontece com a que se obtêm ao se transferir-se dentro de outro empatizando³⁴.

d. A teoria da inferência por analogia

Stein considera a teoria da inferência um absurdo. Segundo esta teoria uma pessoa tem uma evidência da percepção externa e uma evidência da interna por meio de inferências semelhantes a experiências de mudanças no próprio corpo físico dadas a certas vivências³⁵. Segundo ela, trata-se de uma analogia infundada no sentido que uma mudança física em alguém, embora possa apresentar semelhança externa, não significa que a vivência interna seja a mesma³⁶.

Por conseguinte, Stein afirma que nenhuma dessas teorias evidencia o sentido último da empatia.

1.4 Confronto com a teoria de Scheler sobre a apreensão da consciência alheia

Segundo Scheler, o eu alheio com a sua vivência é percebido igual a ele próprio. Na origem há uma “corrente indiferenciada do vivenciar” que pouco a pouco se cristaliza como vivência própria ou alheia³⁷. Stein afirma que não há para Scheler um “eu puro” e sim um “indivíduo anímico”, o que indiferencia a experiência própria da alheia³⁸. Por isso, para ela a teoria do autor carece de clareza em relação a empatia, uma vez que segundo ela há um eu puro que realiza uma vivência particular³⁹. Na concepção de Scheler a empatia subsiste

³¹ Cf. Idem, 101.

³² Cf. STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatia*, 102.

³³ Cf. Idem, 103.

³⁴ Cf. Idem, 104.

³⁵ Cf. Idem, 106.

³⁶ Cf. Ibidem, 106.

³⁷ Cf. Idem, 108.

³⁸ Cf. Idem, 109.

³⁹ Cf. STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatia*, 108-109.

na percepção interna. Stein considera o paralelismo entre ambas, porém, não deixa de ressaltar a distinção dessas experiências⁴⁰.

1.5 Teoria da Munsterberg sobre a experiência da consciência alheia

Segundo Stein, para Munsterberg a experiência dos sujeitos alheios deve consistir em entender os atos de vontade alheios onde “o querer alheio entra no meu eu”⁴¹. Ela concorda com o processo de entender o outro como empatia. Porém, ela não restringe somente a vontade alheia. A empatia deve abranger a totalidade alheia⁴². Todavia, para verificar sua teoria é necessário explorar a constituição do indivíduo, o que abordou na segunda parte de sua tese.

2. A contribuição da análise da empatia segundo Stein para as relações interpessoais

A empatia não é somente uma percepção alheia, uma reflexão sobre o estado em que alguém se encontra. Stein chama esse processo de percepção externa. A apreensão e conseqüentemente a compreensão alheia não se resume a reflexão a partir de seu semblante e gestos, pois as manifestações externas podem ser diferentes da vivência interna. A empatia é uma faculdade intuitiva que permite a apreensão da vivência de alguém. Contudo, não na mesma intensidade, ou do mesmo modo. A empatia é conhecida pelos seus efeitos, porém, a sua vivência em cada indivíduo é única, pois a vivência de cada indivíduo é única.

A possibilidade de alguém ter os mesmos sentimentos alheios, de fundir-se com a vivência do outro não é possível para Stein. O mesmo ocorre com a possibilidade de compreender plenamente a experiência do outro, pois a vivência interna alheia é originária. O outro, portanto, não é um objeto a ser dominado como uma máquina. A visão do homem máquina inaugurada na idade moderna e que permeia a cultura atual por meio do racionalismo tende a estabelecer padrões aplicáveis a todos.

O caráter originário da vivência alheia permite o colocar-se diante do outro como um alguém misterioso, o qual não pode ser possuído, mas compreendido. Não se trata de um objeto de investigação formado por uma constituição corporal própria da espécie, o “eu puro” do indivíduo transcende sua corporeidade.

Na relação empática sinto a existência de outro ser humano, como eu. É uma apreensão de semelhança e não de identidade: eu percebo que somos dois, que o outro não é idêntico, mas semelhante a mim. Nessa relação, reconheço que o outro é "outro como eu" e, procuro entender o que há *dentro desse outro*. É aqui que se coloca a grande pergunta sobre o ser humano, presente em todas as culturas: *o que significa que o outro é ser humano?* É preciso uma tomada de posição espiritual e ética: reconhecer verdadeiramente, querer ser honesto e se conscientizar de que estamos diante de outro

⁴⁰ Cf. Idem, 113-115.

⁴¹ Cf. Idem, 116.

⁴² Cf. Ibidem, 116.

ser humano, ainda que não me agrade, ainda que eu não queira que ele seja desta ou daquela cor, raça, língua e cultura⁴³.

Os sentimentos alheios suscitados pela empatia permitem uma compreensão da experiência do outro por meio da reflexão. A empatia suscita uma reflexão que pode ser refeita por meio de uma reflexão da reflexão em uma sequência que tende ao infinito.

Frequentemente cada indivíduo experimenta sentimentos ora seus, ora de outros, os quais por meio da reflexão podem adquirir significados diferentes à medida que são confrontados. A análise de Stein motiva ao autoconhecimento, e por meio dele, a libertação de sentimentos portadores de significados falsos, os quais podem suscitar rancores, mágoas e ressentimentos sem procedência, ou com um volume desnecessário. Há uma relação entre empatia e perdão.

Segundo Giusti “é intuitivo que a empatia, ou seja, a capacidade de compreender os outros possa facilitar o perdão: a pessoa empática tende a focalizar-se sobre a experiência do outro abandonando o próprio egocentrismo”⁴⁴.

A saúde psíquica por meio da reflexão dada pela empatia pode ser amplamente utilizada pelos profissionais da saúde, sobretudo para as áreas ligadas à psicologia.

O objetivo de Stein, por meio da pedagogia da empatia era não somente alcançar as relações interpessoais de forma geral, mas, sobretudo o âmbito escolar. Segundo ela é necessário conduzir o educando a um completo desenvolvimento dos valores humanos radicados na sua e na personalidade do outro por meio da pedagogia da empatia⁴⁵.

CONCLUSÃO

Edith Stein ampliou a concepção filosófica da empatia. Por meio de sua fenomenologia a empatia é compreendida não como fusão ou união com a vivência alheia, mas como uma experiência de adentrar no outro sem possuí-lo. A vivência subjetiva de um indivíduo é única, embora seu conteúdo não. A contribuição do pensamento sobre a empatia em Stein é ampla, podendo ser utilizada para a formação interpessoal, áreas da saúde, terapias, educação etc. O presente artigo se propôs apenas a esboçar alguns aspectos da importância do conhecimento da antropologia fenomenológica segundo a pensadora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BASTOS, Antonio Virgílio; ROCHA, Nádia Maria Dourado (Organizadores). *Psicologia. Novas direções no diálogo com outros campos do saber*. Itatiba: Casa Psi Livraria, Editora e Gráfica, 2007.

⁴³ PERETTI, Clélia. Pedagogia da empatia e o diálogo com as Ciências Humanas em Edith Stein. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 16, n. 2, dez. 2010.

⁴⁴ GIUSTI, Edoardo; CORTE, Barbara. *La terapia del per-dono. Dal risentimento alla riconciliazione*, 151.

⁴⁵ Cf. STEIN, Edith. *A mulher: sua missão segundo a natureza e a graça*, 291.

CHELI, Enrico. *Teorie e tecniche della comunicazione interpersonale. Una introduzione interdisciplinare*. Milano: Franco Angeli, 2004.

GIUSTI, Edoardo; LOCATELLI, Maura. *L'empatia integrata. Analisi umanistica del comportamento motivazionale nella clinica e nella formazione*. Roma: Sovera Multimedia, Roma, 2000.

GIUSTI, Edoardo; CORTE, Barbara. *La terapia del per-dono. Dal risentimento alla riconciliazione*. Roma: Solvera Multimedia, 2009.

STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatia*. In: *Obras Completas. Escritos filosóficos. Etapa fenomenológica: 1915-1920*, vol. 2, Madrid: Editorial de Espiritualidad, 2005.

STEIN, Edith. *A mulher: sua missão segundo a natureza e a graça*. Bauru: EDUSC, 1999.

PERETTI, Clélia. Pedagogia da empatia e o diálogo com as Ciências Humanas em Edith Stein. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia , v. 16, n. 2, dez. 2010
Disponível em
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672010000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 30 jul. 2015.